



Algo que para muitos era impossível, em tese, já se tornou uma possibilidade real para estrategistas do Exército de Defesa de Israel, segundo a tenente-coronel (reserva) Sarit Zehavi, CEO e fundadora da Alma Research and Education Center - [organizações sem fins lucrativos](#) e centro de pesquisa e educação especializado nos desafios de segurança de Israel.

Zehavi considera que os acordos entre Israel, Emirados Árabes e Bahrein, assinados no segundo semestre de 2020, e uma aproximação diplomática com a Arábia Saudita, já possibilitam uma troca de informações e cooperação em segurança para neutralizar interesses hostis do Irã. Até mesmo com a possibilidade de haver uma presença concreta de militares israelenses na região, o que antes pareceria impossível.

"Não há mobilizações de tropas, mas, coloquemos uma ideia do acordo desta maneira: se o Irã pode criar uma frente contra Israel, no Líbano e Síria, com o Hezbollah, agora Israel pode criar uma frente israelense para o Irã, no Emirados e Bahrein, países que têm interesse em cooperar com Israel porque também são ameaçados. Estão mais próximos e geograficamente é muito útil essa aliança para neutralizar o Irã", observa.

"O resultado destas alianças, em curto prazo, já mostra que Israel não está só, não está isolada, que há países da região que veem Israel como um estado legítimo e que é importante cooperar com ele, não só por assuntos de segurança, mas econômicos e sociais também", completa.

Para Zehavi, o acordo em geral visa o incremento de relações comerciais, de intercâmbio de tecnologia, mas a segurança é um fator essencial, que possibilita o andamento de negociações em todas as áreas.

Para o professor Danilo Porfírio de Castro Vieira, doutor em análise do Desenvolvimento do Terrorismo Contemporâneo pela Unesp (Universidade Estadual Paulista) e autor do livro "Ação política norte-americana e o jihadismo no Oriente Médio", oficialmente, esse tratados com Emirados Árabes e Bahrein e informal com a Arábia Saudita, visam a estabelecer na uma integração econômica, linhas de transporte, circulação de pessoas, na perspectiva do transporte.

No entanto, os interesses estratégicos informais, foram fundamentais para a aproximação.

"Temos que entender que, formal ou informalmente, estabelecer o alinhamento com Israel desses países, que por sinal são sunitas, satélites da Arábia Saudita, é uma iniciativa que vem no intuito de articular ações e discursos uniformes para conter qualquer forma de avanço ou hegemonia do Irã no fortalecimento de um arco xiita na região."

Apesar de, na teoria, ele considerar que a aliança possa trazer uma estabilidade na região, ele alerta para algumas arestas que podem servir como empecilho.

"A aliança fortalece a Israel e Arábia Saudita, potencialmente enfraquece o Irã, mas, por outro lado, o Irã tem boas relações com a Rússia, que também está presente na Síria e se preocupa com ingerências de Israel dentro da Síria. A Rússia já mostrou insatisfação em relação a isso, minha preocupação é a participação russa nessa nova realidade", observa.

Castro Vieira inclui entre os seus temores a possibilidade do aumento do radicalismo em algumas questões, como a palestina.

"A princípio, com os acordos de Israel, teremos uma promessa de estabilidade precária, mas

estabilidade. No entanto, o acontecerá em seguida, como ficará a questão palestina? Se a Arábia Saudita e outros países do golfo fecharem aliança, as ações de autonomia palestina se enfraquecerão e de alguma maneira o Hamas será mais fortalecido", analisa.

Os palestinos terão eleição para o Conselho Legislativo Palestino, com 132 cadeiras, em 22 de maio próximo, enquanto a eleição para a presidência da Autoridade Nacional Palestina, que governa a região, ocorrerá em 31 de julho.

Há o risco de nova divisão da Fatah, partido do atual governo, mas que, em 2006, devido à fragmentação, perdeu poder na Faixa de Gaza, que passou a ser controlada pelo Hamas.

O grupo radical, considerado terrorista por Israel e Estados Unidos, vislumbra essa nova possibilidade, após desavenças na Fatah, com a concordância de Marwan Barghouti e Nasser al-Kidwa, em se unir na próxima eleição, contra o atual presidente da Autoridade Nacional Palestina.

A tenente-coronel Zehavi, porém, acredita que a aliança de Israel com países do Golfo carrega justamente em sua essência a capacidade de enfraquecer grupos como o Hamas.

"A perspectiva para o futuro é a importância de se criar um cinturão com cada vez mais países, que dê mais segurança no mar e no ar, diminuir a ameaça do Irã, reduzir cada vez mais o apoio a organizações terroristas, como Hamas e Hezbollah, bloquear influência do Irã em outras áreas, como Líbano, Síria e Iraque. Há um grande trabalho a ser feito e isso já começou", ressalta.

Fonte: R7